

Notas sobre o SI
Nº5, Fevereiro, 1999
Banco Mundial

Burkina Faso: “Alfabetização para os mais novos” em Nomgana

Nomgana é a comunidade central de uma federação de aldeias muito activa no distrito de Loumbila, situado 30 km a Este de Ouagadougou, capital de Burkina Faso. Uma associação local conhecida por Manegbzanga (“Desenvolvimento para Todos” na língua Mooré) foi criada na região há mais de uma década graças aos esforços conjugados de emigrantes regressados da vizinha Costa de Marfim e de um cidadão local que trabalhara para a ONG Suíça, Organsme Suisse **d’Étraide Ouvriere** (OSEO). Nos anos recentes, a associação lançou um programa experimental de alfabetização usando a língua Mooré como base para a aprendizagem de Francês. Esta iniciativa ganhou consistência ao longo dos anos e gradualmente transformou-se numa estratégia alternativa de ensino primário.

De alfabetização de adultos para o ensino alternativo

Contudo, o esforço começou com adultos. A Associação Manegbzanga foi logo confrontada com o problema de preparar os seus membros - muitos dos quais tinham escolarização limitada ou não tinham escolarização - para gerir os seus negócios crescentes e lidar com os fornecedores de insumos agrícolas e compradores dos seus produtos nas proximidades de Ouagadougou. Um membro da comunidade que tinha sido funcionário público e subsequentemente director de campo de uma ONG Suíça, começou a trabalhar com os aldeões em 1988 no sentido de criar um sistema de

instrução que permitisse que os adultos formados em centros de alfabetização pudessem progredir do Mooré escrito para o Francês falado e escrito.

O programa alcançou um sucesso considerável e logo aumentou a solicitação para matricular jovens - crianças e adolescentes - que tinham perdido o ensino primário ou que tinham sido forçados a interromper os estudos. O comité de alfabetização da aldeia decidiu finalmente a aceitar o desafio de criar o programa “alfabetização de todas as crianças”. A estratégia de instrução foi desenvolvida com assistência de linguistas da Universidade de Ouagadougou.

Fez-se preceder a aquisição de habilidades de leitura, escrita e aritmética em Mooré à aprendizagem do Francês e frequência do curriculum completo do ensino primário.

As crianças participantes completam o equivalente ao programa do ensino

As Notas sobre o SI reportam periodicamente sobre iniciativas de Saber Indígena (SI) na África Sub-Sahariana. São publicadas pelo Centro de Conhecimento e Aprendizagem para a Região África como parte da actividade da parceria sobre o SI, envolvendo o Banco Mundial, comunidades, ONGs, instituições de desenvolvimento e organizações multilaterais. Os pontos de vista expressos neste artigo são dos respectivos autores e não devem ser atribuídos ao Grupo do Banco Mundial ou seus parceiros nesta iniciativa. A página da internet sobre SI está disponível em: <http://www.worldbank.org/aftdr/ik/default.ht>

primário em quatro anos, em vez dos seis prescritos (e sempre ultrapassados, devido à repetição de classes). Adicionalmente, eles ganham o domínio da escrita na sua própria língua.

“A nossa hipótese de trabalho,” explica o Professor de linguística da Universidade de Ouagadougou, que ajudou a desenvolver o programa, “é que o conhecimento de uma língua Africana e o uso da alfabetização nessa língua facilitam significativamente a aquisição de habilidades que o ensino procura - redução do tempo necessário para completar o programa primário, e melhoria dos índices de passagem nos exames do nível primário. Mas o programa do centro de Nomgana foi também desenvolvido tendo em vista vários aspectos da qualidade de ensino. Foi tida atenção sistemática na inclusão no curriculum, tanto actividades de produção agrícola como de investigação sobre a cultura local. Aos pais foi dado um papel especialmente activo na gestão da escola e as pessoas locais de recurso – artesãos e *griots* (historiadores tradicionais e contadores de histórias) em particular – foram convidadas a leccionar.

Oportunidade para as crianças “esquecidas”

As atrefas do leccionamento foram assumidos por jovens da localidade anteriormente desempregados os quais tinham no mínimo parte do ensino secundário embora sem experiência prévia de ensino. Eles foram formados nos métodos pelo pessoal supervisor da Universidade de Ouagadougou. Os estudantes eram essencialmente crianças de Nomgana e da aldeia vizinha Goué, os quais nunca tinham sido matriculados

na escola primária local, geralmente porque as suas famílias tinham tido outras prioridades. Eles estavam portanto bem atrasados em relação à idade limite de admissão ao ensino primário (7), tendo em média acima de 10 anos de idade. À sua entrada no programa e, sociologicamente falando, tinham sido rotulados de “com pouca possibilidade de sucesso”. Os organizadores asseguraram quase com exatidão que fossem admitidos ao programa igual número de meninas e de rapazes. No total, 55 crianças fizeram parte do primeiro grupo, divididos em duas turmas, com uma proporção de estudantes-professor de 28:1. Foi tudo preparado para leccionar um curso rápido de alfabetização (6 meses) em língua Mooré.

Os primeiros dois anos de instrução eram feitos em Mooré, embora a língua Francesa fosse leccionada como disciplina. No terceiro ano, os estudantes usavam os mesmos textos em Francês que os seus pares na educação primária formal. Adicionalmente os alunos administraram uma pequena empresa agrária que produziu no ano escolar 1997-1998 – um rendimento líquido de 233,000 francos CFA (aproximadamente \$425) e cultivavam amendoim e feijões como parte do seu curriculum. Não houve desistências no programa uma vez que a média de discrepância de efectividade entre o primeiro e o último anos do ensino primário formal em Burkina Faso está acima de 40%.

Resultados surpreendentes

Os testes feitos em Dezembro de 1996 tanto nas escolas em língua Mooré como nas escolas primárias vizinhas

demonstraram que os alunos do centro estiveram a frente das escolas primárias formais em Francês e matemática, revelando, em suma, um bom domínio, na escrita da sua língua materna. Curiosamente o nível atingido pelas meninas no grupo (que constituíam uma ligeira maioria) estavam bem acima das rapazes da escola primária formal ainda abaixo à das rapazes do centro experimental. Estes resultados foram ainda confirmados no ano seguinte quando o primeiro grupo da escola em língua Mooré prestou provas para obtenção do certificado da escola primária. Os níveis de sucesso entre os 53 estudantes examinados foi 53% (62% para rapazes e 44% para meninas) contra 42% da média nacional de todas as escolas primárias em Burkina Faso (47% na província de Oubritenga) e um maior nível de inequidade de género.

Embora, até agora, organizadores e líderes comunitários estejam satisfeitos com os resultados do programa, são apontadas várias limitantes resultantes do esforço no sentido de seguir o regime da escola primária formal e garantir completa equivalência dos diplomas.

- A rigidez dos programas pré estabelecidos e a distribuição do tempo pelas diferentes matérias exigidas para validação no sistema oficial, por várias ocasiões foi contra algumas das aspectos importantes que o centro de Nomgana estava a experimentar - como a inclusão de materiais e pessoas locais no curriculum e um maior envolvimento directo no trabalho da exploração agrícola.

- Parte dos livros didáticos em língua francesa revelaram-se bastante inadequados quando traduzidos para Mooré.

- Para ajustar o ritmo e as exigências do curriculum oficial - e para completá-lo no tempo alocado - depois do segundo ano, os docentes tiveram que abandonar largamente o lecionamento ministrado directamente em Mooré, apesar do facto de alguns dos resultados de aprendizagem mais encorajadores terem derivado das aulas conduzidas em língua materna. De facto, em muitos casos de estudantes que foram menos bem sucedidos em partes do curriculum em língua Francesa e nos testes subsequentes de certificação verificou-se que eram os que não tinham tido oportunidade de adquirir boas “bases” no ensino em Mooré antes da matrícula.

Acolhimento local

Por outro lado, os intervenientes no programa foram virtualmente unânimes em reconhecer que o esforço tinha sido bem sucedido, tendo, no momento sido muito importante: que as crianças locais “esquecidas” tenham obtido certificados formais enquanto fortaleciam as suas capacidades nas suas línguas e cultura; e a demonstração de viabilidade e mérito instrucional de abordagens em línguas africanas na aprendizagem de Francês e no domínio de conteúdos da escola primária. Devem pois ser consideradas as circunstâncias relativamente favoráveis da escola experimental quando se comparam os resultados dos dois tipos de classes - particularmente o fornecimento adequado de materiais de ensino e o facto de que nenhuma das crianças que frequentavam eram, como acontece numa proporção importante nas escolas primárias rurais, oriundas de outras comunidades ou forçadas a fazer longas caminhadas diárias a pé. Mas as

diferenças entre as duas séries de dados, que, de facto, não tiveram em conta o grau de enfoque local dos currículos, no qual a alternativa escolar tinha clara vantagem, no mínimo, sugerem fortemente que tais métodos alternativos podem produzir bons resultados em parceria com o ensino formal corrente.

O professor de linguística anteriormente referido coloca a questão de forma sucinta. “Nós esperamos que esta experiência contribua para ultrapassar os obstáculos ao uso de línguas Africanas no nosso sistema de educação, tanto como forma de encurtar a duração e o acesso ao ensino primário, como uma nova ponte entre a educação formal e a não formal.

“Ao mesmo tempo,” acrescenta ele, “a experiência pode nos ajudar a repensar os caminhos de abarcar o nosso multilinguismo, uma das realidades inevitáveis no ambiente Africano.

Encurtando o ciclo primário disponibiliza-se tempo para a melhoria do domínio e uso da escrita de línguas nacionais no curriculum das escolas....As nossas línguas têm sido simplesmente muito afectadas por prejuízos enraizados na experiência colonial, nomeadamente na (e para) oposição, que alguns insistem em estabelecer, entre as Línguas Africanas e a Francesa, o que finalmente se revelou não ter sentido”.

Este artigo elaborado por investigadores Burkinabes, Congolese e Americanos com o apoio e suporte técnico de Peter Easton, Professor Associado, Estudos de Graduação em Educação de Adultos, Universidade Estadual da Florida e, com a colaboração das comunidades intervenientes. Os fundos foram disponibilizados pelo Clube do Sahel/ OECD, pelo CILSS, e pela Associação para o Desenvolvimento da Educação em Africa.